



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Tathaba - Lisboa • Telefone?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A VIDA... É ISTO

Eis uma frase que sintetiza toda a gaugrenar a alma do povo que trabalha, dando-lhe um carácter cínico e vil, ser-nos-lam indiferentes as manifestações de cachaça alada e de loba esfalmada que a sociedade nos apresenta.

Mas não. Infelizmente o mal propaga-se com rapidez e facilidade nas casas mais ignorantes e miseráveis do povo, transformando os indivíduos — os homens, as mulheres e até as crianças — em seres fascinorosos e impudicos que procuram justificar-nos a baixeza do seu viver, arremessando ao nosso mundo o estribilho *a vida... é isto*, capa de todas as infâmias, ao mesmo tempo que escancaram o rosto num riso tam boçal e desvergonhado, que se sente ganas de apagar a sôcos da mais justificada indignação.

A vida... é isto é a senha da corrupção generalizada. O *andar tudo ao mesmo e a vida... é isto*, são os dois polos da desvergona que impõe no país, e contra elas os indivíduos e as classes que não queriam morrer asfixiados no lodaçal, tem de declarar uma guerra sem tréguas, uma guerra de morte.

A vida... é isto, trapacear, só trapacear, sempre trapacear, comprar e vender tudo e todos, desde os produtos do trabalho do operário até à consciência humana, enganar não só os estranhos, mas mesmo os da própria família, desde que com isso se ganhe alguma coisa, se a honra dum mulher pode transformar em ouro, no cubierto ouro que tudo permite obter, nogaçia-se com essa honra, mesmo que seja dum irmão, dum filha, da própria mãe, porque a febre de viver à custa dos outros desfaz os vínculos mais sagrados, porque *a vida... é isto*.

Se se deixa continuar a marcha avassaladora de *a vida... é isto*, a transformação social será impossível, porque a herança que a sociedade capitalista nos legará será a herança da fome mais cruciante e da desmoralização mais profunda. É preciso impedir a tempo a propagação do mal.

É preciso prepararmo-nos para aniquilar a obra nefasta da podridão.

É necessário que embarguemos o passo aos velhacos e criminosos que pretendem desculpar as suas torpezas, alegando que *a vida... é isto*.

Não, a vida não é isto, a vida não pode ser isto, a vida não há de ser isto, não, canhão luxuosa e canalha esfarrapada, porque a revolução surgiá violenta e sanguinária, lançando ao fogo as vossas almas gangrenadas, purificando assim a atmosfera social.

Vem rápida, o revolução redentora, e ergundo o teu azorrague, expulsa do tempo ou vida social os modernos vendilhões, qual outro Cristo que as vergastadas expulsou os vendilhões do seu tempo, que mercadejavam vilmente, como os de agora.

Vem, sem demora, para dares a morte que merece a esta sociedade, para a qual *a vida é isto*: roubar e prostituir.

C. G. T.

A greve dos eléctricos

O Conselho Confederal reúne no dia 31

O comité confederal tem recebido, nestes últimos dias, comunicações de vários organismos, regularizando as suas adesões ao conselho confederal.

O comité espera que, até ao dia 30, lhe sejam enviadas as comunicações dos organismos que ainda não satisfizeram as indicações da circular n.º 1, para que o conselho confederal possa reunir no dia 31, como já foi anunciado.

Relações internacionais

As relações internacionais têm sido intensificadas notavelmente. Trabalha-se activamente para a constituição da Confederação Latina, tendo sido já postos em execução vários acordos de solidariedade.

Sobre as medidas de repressão das autoridades espanholas contra os operários e seus organismos, teve uma comissão dimanada do Comité Confederal uma conferência com o sr. ministro de Espanha, em Portugal.

O comité resolveu que o resultado dessa entrevista constasse, circunstancialmente, do relatório que apresentará ao conselho confederal no dia 31.

Em Paris

PARIS, 24.—A greve dos ferroviários continua, mas crê-se que eles voltam imediatamente ao trabalho. — H.

NO TRIBUNAL DE ÉVORA Prossegue o julgamento

Quarto dia de audiência — Começam a ser interrogadas as testemunhas de defesa, sendo

uma delas autoada

(Do nosso enviado especial)

EVORA, 25.—Na consciência pública, que impartialmente, sem obedecer a quaisquer pressões, se tem pronunciado perante o julgamento a que no tribunal judicial desta comarca vêm sendo sujeitos trinta e um homens, Feliciano José dos Santos e Ventura Pereira, que abonam a honradez e o comportamento de José dos Santos.

Florindo Soáde e Gregório Torres, testemunhas de António Nobre, dizem que o conhecem desde pequeno, afirmando que sempre tivera uma vida limpa, não o julgando conivente no crime que é acusado.

A testemunha Estevam Santa Catarina defende o acusado Joaquim Latas, que sempre considerou como homem honrado.

Depõe sobre o mesmo reu a testemunha Joaquim José Caudieira. Conhece-o como homem honrado, incapaz de praticar qualquer crime. Diz que em sua consciência, a prisão Jaqueles homens é devida ao ódio de criaturas que assim se pretendem vingar, por a maioria deles fazerem parte da Associação dos Trabalhadores Rurais. Acrescenta constar que depois de se encontrarem presos, outros roubos se tem feito, mas que ninguém sobre o assunto tem dito nada, nem mesmo a imprensa local que parece estar comprada, para afirmar que os que os ali estão é que eram os saleteiros e que estes são os verdadeiros criminosos.

A testemunha José da Cruz Pintadinho não tem coñecimento dos crimes de que os reus são acusados. Ouviu dizer, porém, a Joana Faria Pascoal, que fôr praticado um roubo de borgões, mas nunca ouviu pronunciar os nomes dos acusados.

José dos Santos Calmeirão declara que o patrício de Cipriano Balsa, lhe disse que huma noite lhe assaltaram a propriedade, o que depois lhe fôr confirmado pelo Balsa, ouvindo falar ainda outros roubos, sendo até a testemunha uma das vítimas, não sabendo, no entanto, quem foram os assaltantes. Acrescenta mais que o patrício do Balsa lhe falou nuns tiros na ocasião dum assalto, tendo ficado um indivíduo ferido, que o mesmo patrício do Balsa julga que fôr o José Cavaco, por este estar ferido numa perna, mas a testemunha, por essa ocasião, ouviu dizer que o ferimento tinha sido motivado por uma espigarda que se dispôs ao José Cavaco. De resto, só depois da prisão dos acusados se dizia existir uma quadrilha.

Foi prescindida de depôr a testemunha Augusta de Jesus Povoas. Segue-se Rosa de Jesus Teixeira, de Lisboa. Estando de visita, com seu marido, em casa de Domingos Canellas (Lagareiro), houve lá um roubo de batatas, tendo-se o proprietário queixado à guarda republicana, e que na noite seguinte àquele facto, estando deitada, ouviu tiros e gritos. Levantou-se, pouco depois, virá chegar a Povoas preso, no meio dum escolta, com um saco de batatas as costas. Que em casa do Lagareiro, o Povoas confessaria fazer parte dum quadrilha de que faziam também parte indivíduos que nessa altura acusou, assim como falavam em diversos roubos pela mesma quadrilha praticados.

Norberto Augusto Rodrigues, marido da antecedente, confirma mais ou menos as declarações de sua esposa. Acrescentou, porém, mais que o Lagareiro dera chã com bolos ao Povoas. Perguntou-se se sabia ter a guarda batido nos restantes presos que ali se achavam na ocasião, diz não ter visto, nada disso, mas que nem que o fizessem não se admira.

Tólo esta testemunha como a esposa, que foram largamente interrogadas, quasi pretendiam negar-se às perguntas do dr. Sobral de Campos, logo de princípio, alegando terem dito já tudo que sabiam, com certo enfado, demonstrando uma má vontade em prestar os esclarecimentos que pelo advogado de defesa lhes eram pedidos.

Na Câmara Municipal

Reuniu a Câmara Municipal, com a comparecência da minoria socialista, para tratar especialmente do caso dos eléctricos. Houve larga discussão sobre o assunto não se tendo chegado a qualquer solução importante.

As carreiras de automóveis

Followed ontem, pelas 12 horas, estabelecidas as seguintes carreiras de automóveis: Rossio-Lumiar, Praça do Comércio-Alto do Pina, Praça do Comércio-Poço do Bispo, Rossio-Campolide de Cima; Praça do Comércio-Praça do Brasil (viagem circulatória), Rossio-Arco do Cego, Rossio-Bairro Andrade-Pedra de França, Largo das Duas Egrejas-Sete Rios.

Pensa-se em estabelecer mais carreiras. Não se fez a concentração do serviço e iluminação do Parque Eduardo VII e mandou-se fechar as embocaduras da rua Viriato, com balizas, a fim de se aproveitar as oficinas e depósitos do Parque Automóvel, ultimamente incendiado.

Ontem manteve-se o serviço de viagem para os deputados e senadores da República que tiveram serviço no parlamento.

Vai partir uma missão socialista para Moscou

ROMA, 23.—A missão socialista italiana partiu sábado para Moscou. — H.

NÃO APOIADO!

LOCUTORIO DUM INSURRECTO

Os campões residentes numa aldeia dos arredores de Sevilla perpetraram há dias o crime de fogo pôsto, incendiando as propriedades dum lavrador.

Que fizera este para assim concitar os ódios dos compónios? Adquirira ceifeiras mecânicas e começara a utilizá-las.

Era o primeiro da região que punha a funcionar aqueles engenhosos aparelhos. Os camponeses alarmaram-se. Havia procurado impedir a vinda das ceifeiras mecânicas, que cada uma delas, executando a tarefa de muitos homens, afira para a miséria um punhado de rurais, privados de trabalho. Procuraram ameaças téticas contra o primeiro dos lavradores que possesse.

Florindo Soáde e Gregório Torres,

testemunhas de António Nobre, dizem que o conhecem desde pequeno, afirmando que sempre tivera uma vida limpa, não o julgando conivente no crime que é acusado.

A testemunha Estevam Santa Catarina defende o acusado Joaquim Latas, que sempre considerou como homem honrado.

Depõe sobre o mesmo reu a testemunha Joaquim José Caudieira. Conhece-o como homem honrado, incapaz de praticar qualquer crime. Diz que em sua consciência, a prisão Jaqueles homens é devida ao ódio de criaturas que assim se pretendem vingar, por a maioria deles fazerem parte da Associação dos Trabalhadores Rurais. Acrescenta constar que depois de se encontrarem presos, outros roubos se tem feito, mas que ninguém sobre o assunto tem dito nada, nem mesmo a imprensa local que parece estar comprada, para afirmar que os que os ali estão é que eram os saleteiros e que estes são os verdadeiros criminosos.

A testemunha José da Cruz Pintadinho não tem coñecimento dos crimes de que os reus são acusados. Ouviu dizer, porém, a Joana Faria Pascoal, que fôr praticado um roubo de borgões, mas nunca ouviu pronunciar os nomes dos acusados.

José dos Santos Calmeirão declara que o patrício de Cipriano Balsa, lhe disse que huma noite lhe assaltaram a propriedade, o que depois lhe fôr confirmado pelo Balsa, ouvindo falar ainda outros roubos, sendo até a testemunha uma das vítimas, não sabendo, no entanto, quem foram os assaltantes. Acrescenta mais que o patrício do Balsa lhe falou nuns tiros na ocasião dum assalto, tendo ficado um indivíduo ferido, que o mesmo patrício do Balsa julga que fôr o José Cavaco, por este estar ferido numa perna, mas a testemunha, por essa ocasião, ouviu dizer que o ferimento tinha sido motivado por uma espigarda que se dispôs ao José Cavaco. De resto, só depois da prisão dos acusados se dizia existir uma quadrilha.

Foi prescindida de depôr a testemunha Augusta de Jesus Povoas.

Segue-se Rosa de Jesus Teixeira, de Lisboa. Estando de visita, com seu marido, em casa de Domingos Canellas (Lagareiro), houve lá um roubo de batatas,

tendendo-se o proprietário queixado à guarda republicana, e que na noite seguinte àquele facto, estando deitada, ouviu tiros e gritos.

Levantou-se, pouco depois, virá chegar a Povoas preso, no meio dum escolta, com um saco de batatas as costas. Que em casa do Lagareiro, o Povoas confessaria fazer parte dum quadrilha de que faziam também parte indivíduos que nessa altura acusou, assim como falavam em diversos roubos pela mesma quadrilha praticados.

Norberto Augusto Rodrigues, marido da antecedente, confirma mais ou menos as declarações de sua esposa. Acrescentou, porém, mais que o Lagareiro dera chã com bolos ao Povoas. Perguntou-se se sabia ter a guarda batido nos restantes presos que ali se achavam na ocasião, diz não ter visto, nada disso, mas que nem que o fizessem não se admira.

Tólo esta testemunha como a esposa, que foram largamente interrogadas, quasi pretendiam negar-se às perguntas do dr. Sobral de Campos, logo de princípio, alegando terem dito já tudo que sabiam, com certo enfado, demonstrando uma má vontade em prestar os esclarecimentos que pelo advogado de defesa lhes eram pedidos.

Depõe depois Manuel Cabeça, Maia, Joaquim Rosmaninho, António José Bandalho, que abonam a sua honradez.

Florindo Soáde e Gregório Torres,

testemunhas de António Nobre, afirmam que o conhecem desde pequeno, que é devido ao ódio de criaturas que assim se pretendem vingar, por a maioria deles fazerem parte da Associação dos Trabalhadores Rurais. Acrescenta constar que depois de se encontrarem presos, outros roubos se tem feito, mas que ninguém sobre o assunto tem dito nada, nem mesmo a imprensa local que parece estar comprada, para afirmar que os que os ali estão é que eram os saleteiros e que estes são os verdadeiros criminosos.

A testemunha José da Cruz Pintadinho não tem coñecimento dos crimes de que os reus são acusados. Ouviu dizer, porém, a Joana Faria Pascoal, que fôr praticado um roubo de borgões, mas nunca ouviu pronunciar os nomes dos acusados.

José dos Santos Calmeirão declara que o patrício de Cipriano Balsa, lhe disse que huma noite lhe assaltaram a propriedade, o que depois lhe fôr confirmado pelo Balsa, ouvindo falar ainda outros roubos, sendo até a testemunha uma das vítimas, não sabendo, no entanto, quem foram os assaltantes. Acrescenta mais que o patrício do Balsa lhe falou nuns tiros na ocasião dum assalto, tendo ficado um indivíduo ferido, que o mesmo patrício do Balsa julga que fôr o José Cavaco, por este estar ferido numa perna, mas a testemunha, por essa ocasião, ouviu dizer que o ferimento tinha sido motivado por uma espigarda que se dispôs ao José Cavaco. De resto, só depois da prisão dos acusados se dizia existir uma quadrilha.

Foi prescindida de depôr a testemunha Augusta de Jesus Povoas.

Segue-se Rosa de Jesus Teixeira, de Lisboa. Estando de visita, com seu marido, em casa de Domingos Canellas (Lagareiro), houve lá um roubo de batatas,

tendendo-se o proprietário queixado à guarda republicana, e que na noite seguinte àquele facto, estando deitada, ouviu tiros e gritos.

Levantou-se, pouco depois, virá chegar a Povoas preso, no meio dum escolta, com um saco de batatas as costas. Que em casa do Lagareiro, o Povoas confessaria fazer parte dum quadrilha de que faziam também parte indivíduos que nessa altura acusou, assim como falavam em diversos roubos pela mesma quadrilha praticados.

Norberto Augusto Rodrigues, marido da antecedente, confirma mais ou menos as declarações de sua esposa. Acrescentou, porém, mais que o Lagareiro dera chã com bolos ao Povoas. Perguntou-se se sabia ter a guarda batido nos restantes presos que ali se achavam na ocasião, diz não ter visto, nada disso, mas que nem que o fizessem não se admira.

Tólo esta testemunha como a esposa, que foram largamente interrogadas, quasi pretendiam negar-se às perguntas do dr. Sobral de Campos, logo de princípio, alegando terem dito já tudo que sabiam, com certo enfado, demonstrando uma má vontade em prestar os esclarecimentos que pelo advogado de defesa lhes eram pedidos.

Depõe depois Manuel Cabeça, Maia, Joaquim Rosmaninho, António José Bandalho, que abonam a sua honradez e a honestidade de Juventino José Madeira, não o julgando capaz de cometer o crime de que o acusa.

Terminada a inquirição destas testemunhas, eram 18.20, foi suspensa a audiência, que prosseguirá amanhã, às 11 horas.

O tribunal conserva sempre cheio de gente e as ruas por onde passam os acusados, no meio dum fôrça da guarda, continuam repletas.

A opinião unânime do povo eborense é que os acusados são vítimas de vinganças de inimigos, e atá esta parte isso temos constatado, porque ninguém afirmou categoricamente, dum jeito preciso, que eles tives

A agitação em Espanha

A greve da Fome e a greve da fortuna — As mulheres fazem assaltos e reclamam pão

Em Espanha, como em Portugal, a burguesia está cada vez mais insaciável de sangue e sacrifício dos trabalhadores. A carestia da vida é insuportável, a fome lava em muitos lares, embora aquele pais tenha enriquecido extraordinariamente durante a guerra. Os assaltadores não se descrem na sua obra de demolição, acaparando tudo, desde o pão ao leite, tanto necessários a quem trabalha. Os gêneros sobem, interrupcionte e os ganhos dos proletários cada vez são mais impotentes para fazerem face a tamanha crise. A partidas crimes monstruosos praticados pelo Capital espanhol, os governos, fieis servidores dos ricos contra os pobres, perseguem todos aqueles que tentam a luta nos lares, se revoltam, reclamam, pedem pão.

Em consequência deste mal-estar social, duas greves, conhecidas por bizarros títulos, estalam — a greve da Fome e a greve da Fortuna. A primeira, a greve da fome, foiposta em prática pelos presos de Valência. Ela é esta, de todas as greves, a que maiores abalos morais causam num povo. É necessário que grandes sofrimentos se passem para assim se criar no espírito humano um tam grande desapego da vida, arrastando um punhado de homens a deixarem-se morrer voluntariamente de fome. Parece à primeira vista que tal tática apenas faria sorrir os governos e estes contentar-seiam em deixá-los morrer. Mas não; uma atitude de sacrifício, como esta, choca, comove, faz erguer as multidões indignadas. Este sacrifício sublime é talvez a transformação, através das gerações, do sacrifício dos cristãos lançados às feras, no tempo da antiga Roma. Também os Cezares riram a princípio do arcalho e resignado com que esses crentes numa humanidade melhor, sabiam morrer, despedidos pelos animais ferozes. No entanto esses mártires fecundaram uma era nova, uma radical transformação nas sociedades.

A greve da fome em Valência, fez erger de indignação a população de toda a cidade, agitou em seguida a Espanha de lés a lés. A cidade de Valência proclamou a greve geral. Nesse momento todas as insâncias praticadas pela casta capitalista impeliram os grevistas a um movimento de protesto contra os causadores da carestia da vida.

Assim, em Barcelona, a paralisação alastrava formidavelmente; as mulheres trabalhadoras fazem manifestações pelas ruas e a notícia de que haviam sido praticadas violências contra os presos, agravou a situação instantaneamente.

Cerca de um milhar de trabalhadores se encontram presos, facto que indignou o povo. A Confederação Geral do Trabalho publicou o seguinte manifesto dirigido à opinião pública de Barcelona:

Vítimas de um poder estúpido e moralmente cobarde, centenas de trabalhadores jazem em cárceis da Catalunha, sujeitos a um regime de terror e de ignomínia.

Mais de mil homens, esforçados filhos do trabalho, se vêem privados da liberdade, sem razão que o justifique, encerrados em múltiplas massmorras da nossa região.

Nos lares desfeitos, nem as famílias abandonadas, nem as dôres acumuladas e estóicamente sofridas, foram suficientes para apagar a sede de vingança despertada na besta capitalista.

Mas todo tem um limite e um fim. E o fim neste caso chegou. Os trabalhadores de Barcelona e os da Catalunha, se for preciso, e ainda mesmo os de Espanha, imporão a liberdade dos irmãos presos. Terminou há muito a hora do prazo. Nem um minuto mais esperamos. Por isso as greves esmagadas recomeçaram. E rapidamente chegarão a geral. E como contamos com

se, contudo, uma acentuada falta de militantes com capacidade e faculdades de trabalho, mal profundo que impede que a organização se desenvolva tam rapidamente como seria nosso desejo.

E um mal que tende a desaparecer, pela criação e desenvolvimento das Juventudes Sindicalistas — o que implica a necessidade de se lhes dedicar toda a atenção e carinho.

Porque não reuniu o C. C. em 1 de Dezembro?

Empregou o Comité Confederal os devidos esforços para que o conselho confederal reunisse no dia 1 de Dezembro. Não reuniu, contudo.

Porque? Por razões diversas e que passamos a expôr:

1.º Porque, sendo em pequeno número os militantes em plena actividade, os poucos que há, assoberbados com todo o trabalho, não podem, na maior parte dos casos, dedicar a sua atenção, muitas vezes, às questões mais importantes e que requerem execução imediata.

2.º A constituição da C. G. T. trouxe uma remodelação no serviço de cobrança e importou um aumento geral de encargos da ordem material, para a satisfação dos quais necessário foi elevar a cotização aos sindicatos. Há sindicatos cujos componentes possuem um mais elevado grau de consciência sindical, e são esses, naturalmente, os que mais propensos são a contribuir com cotas mais avultadas. Estes organismos e aqueles que já dispunham de recursos para satisfazerem os novos encargos, foram os que primeiro enviaram a sua adesão. Os restantes foram sempre mais retardatários.

3.º Não tendo a maioria das organizações regulizado a sua adesão até Dezembro, já o não fizeram sem que passasse o período eleitoral, que se verifica de cada ano — facto que está sempre sujeito a demoras e que, no caso presente, representa um certo prejuízo, posto que os novos corpos gerentes, em regra, não tem tam arreigada a noção da responsabilidade que pesa sobre os anteriores.

4.º Os movimentos de reclamação das várias classes colocaram num segundo plano, momentaneamente, o dever que cada organismo tinha de presssar a sua adesão regularizada.

5.º Finalmente e dum modo geral, porque, além da ignorância da massa, não se nota um certo desleixo em

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Único da Construção Civil — Reuniu a comissão de administrativa para apresentar a situação de *A Batalha* e para resolvermos lançar uma cotização voluntária de 5 centavos por mês, contando-se com a boa vontade de todos os camaradas que sentem o peso de joga capitalista, para acharmos a saída da crise do nosso intrepido jornal que nunca tem esmorecido, ainda nas horas mais críticas.

Resolvemos-nos ainda levar a efeito uma assembleia no dia 1 de Junho, para trazer a questão do camarada Manuel dos Santos e de antigo que veem tomado alguns camaradas do município, que pretendem regularizar a associação dos operários do munícipio, e apresentar as resoluções do Congresso de Coimbra.

Recomendamos que eles aceitem a reunião, ainda que contra vontade. Mas agora é aos companheiros da rua, a todos os que gozam de liberdade, aos que leva obra a fazer, embora se saiba que, por muito grande que seja o nosso restôrgo, não chegará à altura do esforço realizado pelos pressos.

Portanto, é necessário que as ordens dos comités sejam acatadas rigorosamente por todos e em todos os seus aspectos.

Pela liberdade dos nossos irmãos; todos os pão! — Os comités — Barcelona, 21 de Maio de 1920.

Este manifesto estava no ânimo de todos.

No dia seguinte numerosas classes largaram o traballo, tendo havido tiroteio nalguns pontos entre grevistas e alguns amarelos. Também um grupo de operários disparou sobre a guarda civil.

Este movimento grandioso de protesto estendeu-se a toda a Espanha.

Em Sevilha os operários e operárias de diversas indústrias declararam-se em greve e esperava-se, a fodo o momento, que se tornasse geral. Em Orense os campaneses agitaram-se. Grupos de mulheres percorrem tumultuosamente as ruas de Palma de Mallorca, assaltando as lojas de fachadas e partindo os vidros das montras. Também em Sanlúcar de Barrameda as mulheres fazem protestos violentos contra a carestia da vida. Há conflitos por causa do pão em Alicante. Mantém-se a greve dos padelos em Valladolid.

Em Madrid a greve dos padelos da fábrica da Fortune tem produzido distúrbios enormes. O Sindicato da Alimentação resolve decretar a greve em estabelecimentos, cujos proprietários sejam actionistas da fábrica da Fortune. O gerente da fábrica mantém-se intrágente na forma de solucionar a greve, esta intrângencia origina o mal estar de uma população injeira. Quere o sr. Galindo, o gerente da fábrica, solucionar o conflito, admitindo apenas os operários que entender, despedindo os que lhe não agradam por serem demasiado conscientes. Os operários não se curvam ante as exigências deste potentado, estando resolvidos a ir até onde seja preciso para vencer.

Litógrafos e Artes — Reuniu a direção, juntamente com os delegados de várias oficinas, e optou outras quantidades de interesses, a aperte outras quantidades de interesses, a disciplina sindical da classe, correspondendo a apoio feito pela direção, para auxiliar o jornal *A Batalha*, pois houve uma grande parte de camaradas que correspondem com muita maioridade a este tipo de direção, dando assim uma prova de grande consciência e dos grande sacrificios que estão dispostos a fazer pelo nosso orgão *A Batalha*.

Tratou-se de benefício a realizar no próximo mês, no Caixa Económica Operária, ficando marcada para domingo uma reunião, as 15 horas, no local combinado.

Previnem-se todos os cobradores que devem ate sábado, vir ao sindicato a fim de ultimarem as suas contas com a comissão administrativa e fazerem entrega dos verbetes, mais expediente que tenham em seu poder.

Litógrafos e Artes — Reuniu a direção, juntamente com os delegados de várias oficinas, e optou outras quantidades de interesses, a disciplina sindical da classe, correspondendo a apoio feito pela direção, para auxiliar o jornal *A Batalha*, pois houve uma grande parte de camaradas que correspondem com muita maioridade a este tipo de direção, dando assim uma prova de grande consciência e dos grande sacrificios que estão dispostos a fazer pelo nosso orgão *A Batalha*.

As revindicações sociais em Espanha tomam de dia para dia uma força maior e a repressão vai-se tornando insuficiente. Em Barcelona atira-se sobre os patrões com frequência. Em várias cidades as próprias mulheres veem a luta para obter o pão. E a fome que a dita e por isso ela é violenta, plena de sacrifício e audácia.

As revindicações sociais em Espanha tomam de dia para dia uma força maior e a repressão vai-se tornando insuficiente. Em Barcelona atira-se sobre os patrões com frequência. Em várias cidades as próprias mulheres veem a luta para obter o pão. E a fome que a dita e por isso ela é violenta, plena de sacrifício e audácia.

Esta revolta fecundou em dôr espalhado pela burguesia durante estes últimos anos; e desesperada, joga-se a vida porque nada mais há para arriscar: nem pão, nem liberdade.

Esperamos com ansiedade mais notícias, pois temos curiosidade em saber como resolverá a burguesia esta questão complicada que a sua ambição desumana vem engendrando há um bom par de anos.

muitos organismos do país, os quais parecem ligarem ainda a importância devida à transformação social em vias de realização e para assegurar a qual indispensável é que a organização disponha de condições que garantam o direito da emancipação do trabalho.

CONVOCAÇÕES

União dos Sindicatos Operários de Almadã — Para tratar de um caso inadmissível, reuniu-se a comissão de administrativa — Tomou conhecimento de prisão do camarada Raúl de Vaz, pelo grande crime de estar lendo o jornal *El Sol*, nomeando uma comissão que junto do director da polícia de segurança do Estado fez a denuncia da sua libertação.

Em 13 de Junho, o camarada Raúl de Vaz, com o seu filho, o menino de 10 anos, que ostentava o nome de Paulino, principiou confessando o balafrado correspondente ao primeiro trimestre, que os factos afornados sucedidos, originaram este atraso.

Tomou conhecimento pelo cobrador geral da fábrica suscitado pelos cobradores auxiliares, resolvendo convidá-los a comparecer hoje, sem falta, as 21 horas, esperando que esses camaradas não forcem esta comissão a apresentar o caso em assembleia.

Sindicato Único da Construção Civil — Reuniu a comissão de administrativa — Tomou conhecimento de prisão do camarada Raúl de Vaz, pelo grande crime de estar lendo o jornal *El Sol*, nomeando uma comissão que junto do director da polícia de segurança do Estado fez a denuncia da sua libertação.

Em 13 de Junho, o camarada Raúl de Vaz, com o seu filho, o menino de 10 anos, que ostentava o nome de Paulino, principiou confessando o balafrado correspondente ao primeiro trimestre, que os factos afornados sucedidos, originaram este atraso.

Tomou conhecimento pelo cobrador geral da fábrica suscitado pelos cobradores auxiliares, resolvendo convidá-los a comparecer hoje, sem falta, as 21 horas, esperando que esses camaradas não forcem esta comissão a apresentar o caso em assembleia.

Bolsa de Trabalho e Caixa de Solidariedade — Reuniu a comissão desta secção, tratando da sua montagem e resolvendo que as futuras reuniões ordinárias se efectuem nos dias 15 e 22 de Junho, nomeando a comissão dos componentes do sindicato a conveniência de sempre que tenham comunicar para esta secção qualquer caso para submissão, o fazem por escrito e acompanhado da cédula da confederal.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL — As 21 — *Fedora*.

S. LUIS — As 21 — *Moinhos que cantam*.

TRINDADE — As 21 — *A Paz Armada*.

POLITEAMA — As 20,45 — *Médico à Fórce*.

Ele... el... e etc.

NOTÍCIAS

Com a representação da *Fedora*, em que se efectuou a estrela na parte de protagonista, realiza-se hoje no Nacional e recta de homenagem a ilustre artista, Palmira Bastos.

O Politeama tem hoje um novo programa: representa, em festa de Otoño de Carvalho, pela última vez, *O médico à fórce*, e pela 1.ª vez uma peça em 1 acto, curiosíssimo, de Roberto Branco. Ele... el... e etc.

RECLAMES

A graciosa revista *Paz armada* é um momento de graça e de piada. Quem duvida, deva ver hoje Tomás Vieira canta boja.

Não se forma de contrariar o público.

Em éle teimou a sua teima e que vence.

E comecei a encarregar para o Eden

para ver a revista *Negócio da China*, as encenações de que se falam.

Con-a comédia que lhe foi feita, e

o resultado é deputado ao teatro Apolo.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL — As 21 — *Fedora*.

EDEN — As 21 — *Moinhos que cantam*.

TRINDADE — As 21 — *A Paz Armada*.

POLITEAMA — As 20,45 — *Médico à Fórce*.

Ele... el... e etc.

CONVOCATÓRIAS

A comissão que trata das reclamações dos operários contrariados em 1918 para as colheitas de 1919, reuniu-se para tratar de conta de cedilhas.

COLISEU DOS SORCERÉS — Companhia

lírica.

ANJOS — As 21 — *A grande bicha*.

OLÍMPIA — Animatógrafo e concerto.

CINEMA CONDES — Animatógrafo e concerto.

CHIADO TERRASSE — Animatógrafo e concerto.

SALÃO DA TRINDADE — Variedades e animatógrafo.

CHIADO — *Aldeia dos Pescadores* — animatógrafo e concerto.

SALÃO FOZ — As 21 — *Variedades*.

SALÃO PORTUGAL — As 21 — horas

animatógrafo.

SALÃO DA PROMOTORADA — (Alcântara), animatógrafo às segundas, quintas, sábados e domingos.

CHANTELIER — Animatógrafo, fitas faladas.

Venda de açúcar

Pelo vapor ligado a *Demarco*, só hoje, exposito para venda a Baixa, Rio Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires, e pelo português Zaire para a África Oriental.

Podem-se obter os detalhes da comissão e pagar uma taxa de 1000 réis.

Cada Armariz distribuirá 1.050 pacotes.

Malas postais

Pelo vapor ligado a *Demarco*, só hoje, exposito para venda a Baixa, Rio Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires, e pelo português Zaire para a África Oriental.

Podem-se obter os detalhes da comissão e pagar uma taxa de 1000 réis.

Cada Armariz distribuirá 1.050 pacotes.

Rendimentos dos operários

</div